

Pobres & Nojentas

"Nojenta" é a pessoa que
questiona velhos valores, cria
o novo e persegue vida boa e
bonita para todos



Florianópolis (SC), março/abril de 2008 - Ano 2 - Nº 12 R\$ 4,00

Luta pela Universidade sonhada

**José de Assis Filho amarrou discurso
e prática na vida dedicada à UFSC**

Palavras Atiçadas

Rosângela Bion de Assis,
da equipe da *Pobres*,
lança livro de poemas



Acervo: Bibli



teca Digita

3 **Editorial**

4 **Perfil**
Na rotação da luta pela terra

7 **Luta Popular**
Defender o Pomar

9 **As delícias de Su & Li**

10 **Croniportagem**
O tempo pelas mãos dos Custódio

12 **Viagem**
Desconheça Recife em seis horas

14 **Gênero Humano**
Com Assis, pelos caminhos...

18 **Crônica**
Uma princesa perdida no mundo adulto

19 **Croniportagem**
Albina

21 **América Latina**
Lolita Lebrón, mulher comandante!

23 **Crônica**
A mulher que amava concursos

25 **Resenha**
Transparente demais

26 **Tempo Livre**



Cooperativa da palavra
libertária, criadora,
caminheira. Não quer lucro,
nem fama. Sonha derrubar
muros que separam e
escondem aqueles que têm a
sua palavra calada, mutilada,
censurada, castrada,
quebrada, torturada, em
nome do lucro, do mercado,
da competição.

Viajeiros da palavra:

- Elaine Tavares
- Janice Miranda
- Marcela Cornelli
- Miriam Santini de Abreu
- Ricardo Casarini Muzy
- Raquel Moysés
- Paulo Zembruski
- Rosangela Bion de Assis
- Sandra Werle

Jornalista

Elaine Tavares
(MTB/SC 00501-SC)

Endereço eletrônico:

eteia@gmx.net

Projeto gráfico, Editoração e Tratamento de imagens

Rosangela Bion de Assis
(MTB/SC 00390-SC)
Sandra Werle
(MTB/SC 00515-SC)

Três boas novidades marcam a 12ª edição da revista *Pobres & Nojentas*. A primeira é a publicação de duas cronipor-tagens cujos autores participaram do *I Festival de Croniporragem de Abya Yala*. A segunda é a participação das editoras da revista no “2º Seminário de Imprensa Sindical - Jornalismo sindical e popular: mostrando novos caminhos e democratizando a comunicação”, realizado em abril. A terceira é o lançamento do livro de poemas *Transparente Demais*, assinado por Rosângela Bion de Assis, que diagrama a *P&N*.

Quando a revista ainda era apenas uma idéia, a Rô, que domina as artes de compor textos e fotos nas páginas, se ofereceu para fazer o trabalho. Casada, mãe de duas meninas, jornalista em sindicato, ela tira parte das noites e de finais de semana para desenhar a cara da revista. E quando as editoras, preocupadas com o ritmo de trabalho da Rô, pedem a ela que não se estresse, ela sempre responde: - Gente, a *Pobres* é prazer! Nas mais

recentes edições a Rô tem a ajuda da jornalista Sandra Werle, apaixonada por crônicas, de quem, em breve, também esperamos um livro.

Esta edição traz dois perfis especiais. Um é de Agnor Bicalho Vieira, o Parafuso, homem de sorriso aberto e franco que foi um dos fundadores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Outro é de José de Assis Filho, falecido recentemente, que era um dos coordenadores do Sindicato dos Trabalhadores da UFSC (Sintufsc).

A nosso pedido, Assis sempre fazia o jantar para o lançamento do número de aniversário da *Pobres* e de nossos livros. Geralmente um arroz carreteiro. Enquanto todos comiam, ele ficava com os braços cruzados sobre o balcão do restaurante, sorrindo, sozinho, com o prazer de ter feito. Também levava a revista para vender em Brasília, nas plenárias da qual participava como liderança sindical. Vendia quase todas. Assis era nosso padrinho, e esta edição é uma homenagem a ele.

RECADO NO BLOG

Galera da *Pobres & Nojentas*...
Parabéns pelo blog! Está show!
Mantenho um blog de sketches, me visitem. Um abraço de um leitor curitibano.

Marcelo Lopes, ilustrador
<http://marceloilustrador.blogspot.com>

Diógenes Breda,
estudante de Economia,
lê *Pobres e Nojentas*

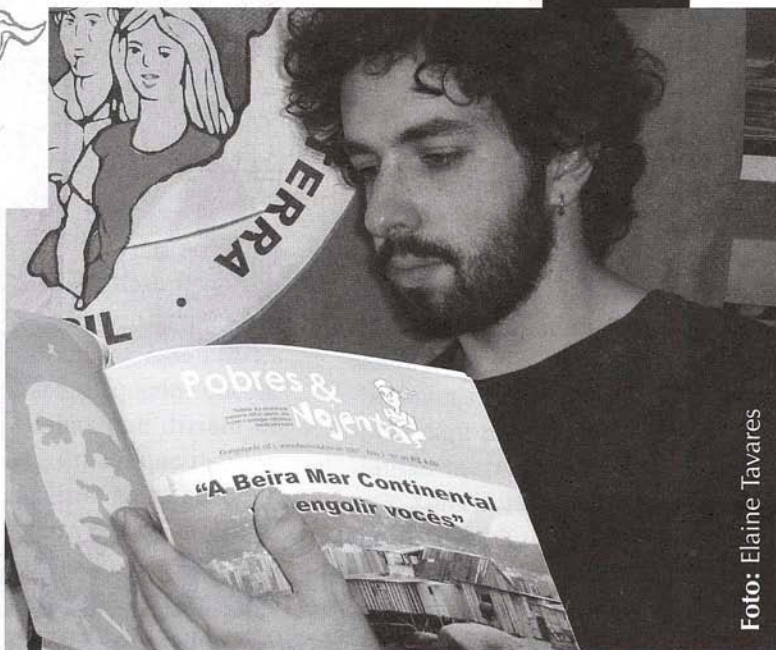
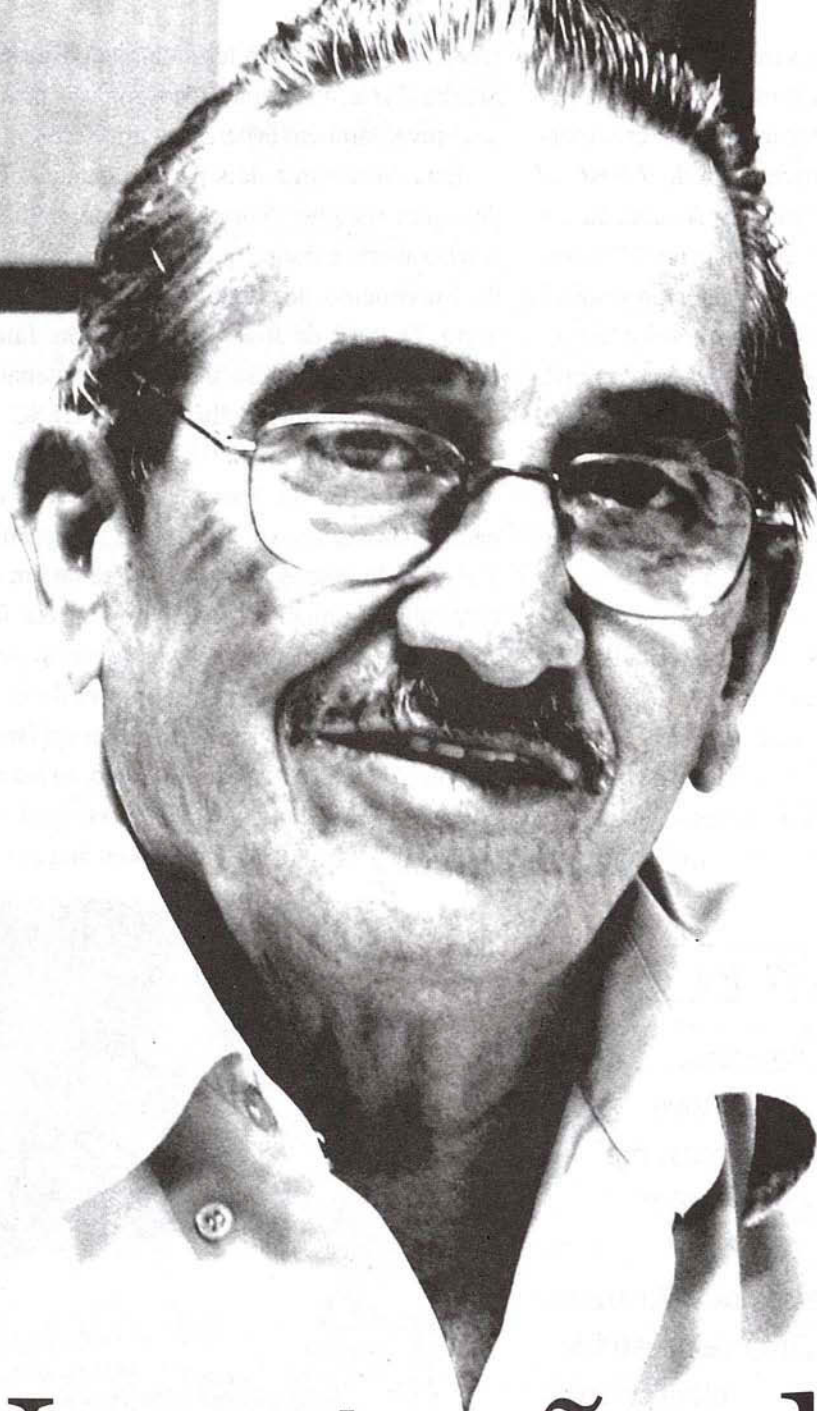


Foto: Elaine Tavares

Veja o blog da revista <http://pobresenojentas.blogspot.com>

PERFIL



Por Elaine Tavares
de Florianópolis

Na rotação da luta pela terra

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ele aparece vez em quando. Baixinho, óculos de grau e riso largo. Passo rápido, camisa bem passada e a indefectível maleta preta. Dentro dela, o sonho da terra repartida. Livros, papéis, panfletos e toda a sorte de escritos que tratam da Reforma Agrária. O nome, estranho, ninguém conhece. Dizer Agnor não provoca reação. Mas o apelido é sempre seguido de um riso doce, de reconhecimento seguro. Parafuso! O homem do MST.

Agnor Bicalho Vieira, 64 anos, nasceu no interior do Espírito Santo, na pequena e rural Muniz Freire. De pai português e mãe cabocla, é o oitavo filho dos 13 que vieram ao mundo. Cedo conheceu o trabalho. Desde os seis anos já estava na lida, roçando terra arrendada. Queria estudar, mas nunca passou da terceira série, pois os pais migravam muito, na busca de serviço. Aprendeu a ler sozinho, na marra, tendo como cartilha as escrituras sagradas. “Naqueles dias eu era oprimido pelo credo do ‘Jesus salva’. Tinha que ajoelhar no milho, era obrigado a crer. Sabia de cor a doutrina do catecismo”.

O menino Agnor, oprimido na fé, acabou sendo um fervoroso pregador. “Eu reproduzia a opressão. Era uma coisa louca”. E foi nesse mundo da igreja que conheceu aquela que viria ser o amor de sua vida, Maria Helena. Numa das andanças pelas fazendas do interior do Paraná, apaixonou-se pela bela catequista. Unidos na fé e no amor, casaram. Queriam andar pelo mundo salvando almas. Era o ano de 1969, a ditadura comia solta, mas eles ainda estavam cegos.

O casamento tirou Agnor do campo. Como o pai da noiva não queria a união, eles migraram para São

Paulo. Lá, a vida foi dura demais. Vieram os filhos e também a miséria. Agnor trabalhou na construção civil. Morava nos alojamentos insalubres enquanto a mulher ficava na cidade, num cômodo alugado. Então veio o desemprego, o despejo, a dor. Os filhos tinham fome. “Foi um tempo difícil, mas de muito aprendizado. Eu era peão, vivendo no meio do povo e isso me ajudou a entender melhor a vida do meu país”.

Em 1973 veio para Santa Catarina, onde já viviam alguns de seus irmãos. Desde então, a vida mudaria

“Parafuso” aperta laços fraternos no plantio de um tempo novo

para sempre. Morava em Araquari quando conheceu um desses “padres vermelhos”, que falavam de um outro Jesus e organizavam as Comunidades Eclesiais de Base. Pequenos encontros nas capelinhas que diziam de um deus amigo, irmão, que incitava ao povo a construir aqui, na terra, o paraíso, de terra repartida e vida plena. Foi ali, também, que ganhou o apelido, Parafuso, que o acompanha até hoje. “Meu irmão era conhecido como Prego, eu era menor que ele, então fiquei Parafuso”. Naqueles

dias, ele ainda não fazia a ligação entre a teologia da libertação e a política. Mas, meio sem saber, de pregador ortodoxo da palavra de deus, passou a organizador de gentes, um trabalho político coletivo que desembocaria na criação de um dos mais importantes movimentos populares do país.

Em Caçador, no ano de 1976, é criada a Comissão Pastoral da Terra e lá está o Parafuso, na coordenação. Depois, em 78, em João Pessoa, num encontro nacional, ele, pela primeira vez, ouve falar de Karl Marx. “Tivemos uma conversa com o Leonardo Boff e o que ele disse me levou a outras leituras. Vi que a classe dominante usa a bíblia para oprimir, mas que, lida e comparada com os escritos de Marx, a palavra de deus pode ser revolucionária. Isso iluminou a minha fé, me deu outro rumo. Devo isso ao Boff”.

É na CPT que Parafuso aprende que, luta mesmo, só no meio do povo. Não é à toa que, nas reuniões e assembleias, ele insistia em discutir a organização dos trabalhadores. “Eu lembro que a gente participava da luta contra Tucuruí e Itaipu e outras questões ligadas à terra. E foi numa tarde de discussão, embaixo de uma mangueira, que nasceu a idéia do MST. Com a construção das barragens, mais de 30 mil pessoas poderiam perder suas terras, outras tantas morreriam. A gente queria que a igreja interferisse, denunciasse ao país. Deu um bafafá. Os bispos não queriam fazer a denúncia. Chamei-os todos de covardes, pois só Dom Pedro Casaldáliga e Dom José Gomes aprovavam a idéia. Quase apanei.”

Naquela noite de confronto com a cúpula da CPT, em 1981, um grupo de 40 pessoas decidiu ficar até altas horas discutindo como articular uma luta poderosa pela terra. Entre eles estavam Josimo Tavares e João Pedro Stédile. Fizeram listas de endereços, pensaram estratégias e poucos dias depois iniciavam a caminhada para a formação de um movimento. Na volta para casa, Parafuso, junto com José Fritsch, já tinha como missão articular os cinco estados do sul. Um trabalho de organização que durou dois anos.

Parafuso conheceu a luta dos despejados de Nonoai, dos acampados da fazenda Burro Branco e dos camponeses da Encruzilhada Natalino, no Rio Grande do Sul. Todas eram experiências de luta do povo sem terra. Foi a partir daí que se pensou na estratégia de montar acampamentos com as famílias que não tinham terra. E então, em 1984, no mês de janeiro, em Cascavel, numa reunião que juntou perto de 80 pessoas, representando 12 estados da federação, nasce o Movimento dos Sem Terra. A primeira ocupação organizada por eles foi a da fazenda Santa Idalina, no Mato Grosso, envolvendo mais de mil famílias de “brasiguaios” (moradores na fronteira com o Paraguai). “Naqueles dias, a gente era muito transparente, falava das ocupações nos botecos, nas igrejas, então, quando a gente chegava, já estava lá a polícia.”

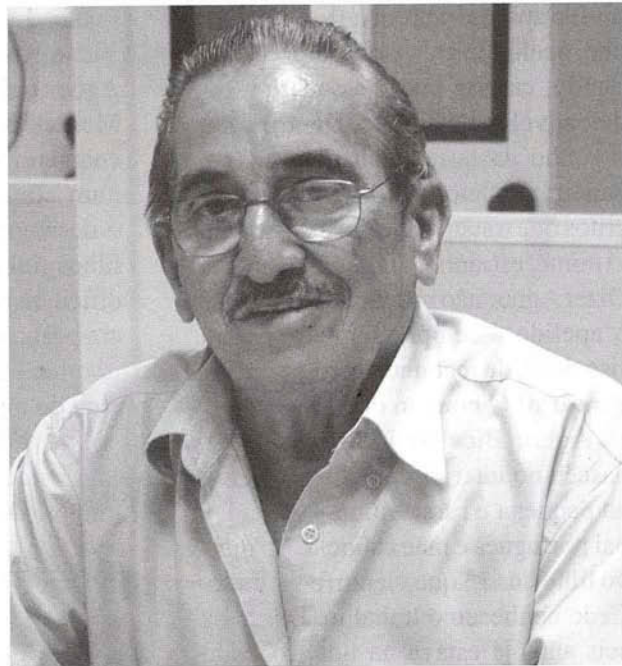
Mas a prática foi se qualificando. Onde era detectado o erro, havia a discussão, o estudo. A duras penas foram evitadas as divisões, as tendências, o caciquismo, tudo para que o movimento crescesse de forma unitária, coesa. Parafuso esteve sempre ali, na luta. Acredita que o Brasil, a América Latina, têm um poder imenso na formação de um outro

tempo. “No dia em que os camponeses disserem não ao império ianque, nós botamos fogo na América”.

Hoje ele olha para a caminhada que fez, desde quando era um pregador da palavra de deus, ortodoxo e fanático, até o homem que tem o MST marcado na alma, e se emociona. “Eu me construí na luta. Sofri muito envolvido com o partido, com o trabalho, botando meus filhos para trabalhar na roça ainda crianças, deixei minha família muito só. Mas, hoje, sei que valeu a pena. Tenho filhos maravilhosos, todos envolvidos na luta, e tenho minha mulher, companheira, firme do meu lado”.

Parafuso, além do trabalho no MST, também foi um dos fundadores do PT e chegou a concorrer a deputado estadual e federal. “Não me elegi e creio que foi bom. Talvez eu tivesse sido cooptado pelo parlamento. Hoje desacreditei da luta via parlamento. Foi melhor ter ficado 100% MST. Foi como fazer mestrado e doutorado junto dos trabalhadores”.

O homem do MST é um homem duro. Diz ele que nunca havia chorado na vida. Apenas uma vez isso aconteceu. Quando foi homenageado pelo MST e Jaime Amorim falou de sua mulher, Maria Helena. “Ele disse: - Parafuso conciliou a luta e a família. Mas a responsável é a mulher que ele tem. Foi



ai que chorei. Porque era verdade. Nas minhas andanças, eu chegava na minha casa, com a mala cheia de roupa suja, e já tinha outra, com roupas limpas, em cima da cama, pronta para eu ir adiante. Minha mulher é tudo pra mim.”

A família de Parafuso é o seu maior tesouro. Um filho é dirigente do MST, uma é médica em Cuba, outros dois são músicos, outro trabalha no campo e uma filha é professora. Além disso, tem uma garotinha de 14 anos, adotada. “Todos estão na luta”, diz, com orgulho.

O dirigente do MST segue seu caminho, ligeiro, seguro. Quer a vida digna e não vai descansar enquanto não vier. “Não somos nós que rompemos a ordem. Quem faz isso são os dominantes quando não dão saúde, educação, quando impõem a fome. O sistema capitalista é uma planta de ciclo vencido. Nós, do MST, plantamos uma planta nova, que vai vingar...”

Defender o Pomar

A Capital precisa retribuir a luta por transporte de qualidade

Por Elaine Tavares, de Florianópolis

Ele ainda tem cara de garoto, apesar de já não mais o ser. E carrega no próprio nome a generosa idéia da gratuidade. Chama-se Pomar. Marcelo Pomar. E é bem isso que ele parece ser, o abrigo frutuoso de um mundo coletivo, feliz e pródigo. Não é à toa que seu nome é pronunciado com reverência por um grande número de jovens que construíram, com ele, o Movimento pelo Passe Livre na cidade de Florianópolis.

Naqueles dias de 2004, quando na capital catarina iniciou o movimento pelo passe livre, Marcelo ainda era um apaixonado estudante universitário do curso de História. Junto com outras tantas centenas de estudantes da UFSC, UDESC e secundaristas, ele foi para a rua lutar por esse direito. Foram muitas as caminhadas, os

atos e discursos, e foi neste espaço libertário das assembleias de democracia direta em frente ao terminal de ônibus da Capital que ele foi aparecendo como uma liderança. Nada por querer, apenas aconteceu. Talvez por seu jeito seguro, sua voz firme, seu compromisso, sua doçura.

Depois, quando em junho daquele ano explodiu a “revolta da catraca”, ele estava lá, no meio da multidão, somando o movimento do passe livre com a indignação do povo de Florianópolis contra mais um aumento de tarifa do transporte “desintegrado”. Milhares de almas foram às ruas, fecharam a ponte e se confrontaram com a polícia local. Em uma semana de mobilizações, recheadas de violência oficial, acabaram vencendo a prefeitura. Foi um

momento bonito da política da capital. Aquele bando de estudantes, de novo na rua, puxando o cordão da mudança, tendo as gentes como aliadas.

A primeira vitória foi só o começo de uma luta maior. Pelo passe livre, pela melhoria da mobilidade urbana, contra os aumentos absurdos das tarifas. Mas, passada a semana de revolta e arrefecidos os ânimos populares, só os estudantes seguiram mobilizados. A luta surtiu efeito e eles conseguiram fazer passar na Câmara de Vereadores a lei do passe livre. Parecia que tudo apontava para mais uma vitória. Mas, apesar de já ser lei, nada foi implementado e a luta dos estudantes teve de seguir.

No ano seguinte, 2005, mais uma vez o povo voltou às ruas, liderado pelos estu-



Fotos: arquivo MPL

O Movimento pelo Passe Livre uniu secundaristas e universitários.

dantes em outra revolta da catraca. De novo a prefeitura aumentava o preço das tarifas e o povo dizia “não”. Outra vez também a polícia protagonizou novas cenas de violência contra estudantes e população. O movimento pelo passe livre esteve à frente das lutas, decidido a fazer valer também a lei aprovada pela Câmara.

Em 2006, a vida dos florianopolitanos seguia o mesmo diapasão: transporte ruim, caro e nada do passe livre. Por conta disso, a movimentação de estudantes, sindicalistas e movimento popular seguiu firme e sistemática. Em fevereiro, em frente ao terminal, durante uma manifestação, um grupo de aproximadamente 15 homens avançou sobre os estudantes, rasgando faixas, cartazes e quebrando a caixa de som que auxiliava no diálogo com a população. O tumulto causado pelo grupo de desconhecidos atraiu a polícia, mas para a surpresa de todos, a força da ordem não veio proteger os estudantes que estavam sendo agredidos e sim o grupo dos agressores. A revolta foi grande. Neste momento Marcelo Pomar, que estava no grupo dos estudantes, agiu, pedindo calma, evitando que tudo se deteriorasse em mais violência.

Pois o seu grito de calma e de apaziguamento virou faca de corte contra ele mesmo. A polícia abriu inquérito para levantar o nome do mandante da ação que culminou com a agressão dos tais homens contra os estudantes. Este inquérito não foi levado adiante. Já Marcelo Pomar foi indiciado como aquele que incitou o linchamento dos homens do grupo de agressores. Ora, nada mais irreal. Marcelo pediu foi paz. Ainda assim, estará sendo julgado no mês de maio como se fosse um delinquente.

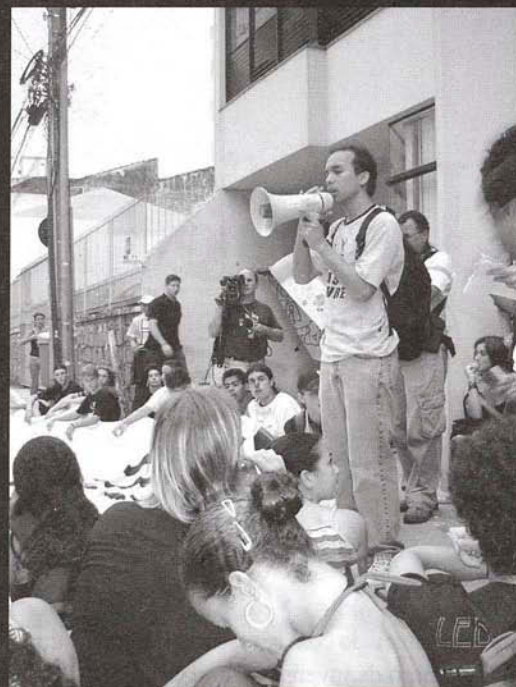
Na mesma manifestação que resultou nesta ação suspeitíssima do grupo

agressor, o então fotógrafo do jornal *Diário Catarinense*, Cláudio Silva da Silva, que fotografou tudo, o que seria uma prova da confusão armada pelo tal grupo contra os estudantes, teve seu equipamento quebrado pela polícia e ainda acabou demitido do jornal. Mais um caso surreal em que a vítima vira vilã, tal qual no caso do Marcelo.

E agora a cidade de Florianópolis vai ter de mostrar seu valor. Marcelo Pomar será julgado, como se bandido fosse. Marcelo, o garoto que foi às ruas lutar por passe livre, por transporte de qualidade, o guri que deu sua cara a tapa, seu corpo à ponta do fuzil, sua palavra à paz. Esse mesmo cara vai a julgamento feito um criminoso.

O Pomar, esse abrigo de esperanças, de santa rebeldia, de doce revolta, de compromisso com o público, com os estudantes, com a população. Ele estará no tribunal, como réu, sendo julgado no dia 13 de maio. E o povo de Floripa? Que padece nos “latões” apertados, que gasta metade de seu salário na tarifa, que amarga nos terminais de desintegração, o que fará?

Há duas possibilidades: ou esse povo faz de conta que não é com ele e se omite ou age, com a mesma garra com a qual um dia Marcelo Pomar agiu para melhorar o transporte de todos. A segunda opção é, sem dúvida, a que se espera. Porque existem momentos na vida em que temos de tomar posição. Não é bandido quem luta. Não é criminoso quem se rebela contra o que está malfeito. Não é delinquente quem se revolta com a injustiça. Marcelo Pomar fez o que tinha de fazer. Agora é hora de a cidade fazer o certo: formar uma barricada, defender o Pomar, como se ali estivessem as doces frutas benfazejas da vida digna, da cidade sonhada. Porque afinal, ali estão, de fato!



População da Capital não pode permitir que a luta seja punida





Uma coluna
culinária
com o carinho
da vovó,
a dedicação da
mamãe
e o tempero da
mocinha...

De preconceito e estrogonofes

O e-mail da Aninha chegou assim, meio com cara de poesia, o assunto era “Errata Receita”. Ela já tinha me passado pelo telefone a tal da receita de estrogonofe com ketchup e mostarda, a meu pedido, para publicar na Pobres&Nojentas.

Coisa de carioca que resolve receber amigos em casa e que tem como “especialidade” assar lasanhas congeladas ou pedir o jantar no tele-pizza. Mas naquele dia ela estava inaugurando a mesa nova e precisava preparar; ela mesma, o prato principal, para demonstrar a alegria e o carinho com os amigos – quem conhece a socióloga sabe que ela os tem de sobra.

Então ela apelou para a mãe da Adriana, outra amiga carioca e, pasmem!, garantiu o sucesso absoluto do jantar.

– Estrogonofe com ketchup? – duvidei eu, fazendo pouco do esforço da minha amiga e, pior, desprezando uma receita que repassa a história de família da Adriana.

Vou ser sincera: ainda não experimentei, mas ouvi da própria dona Joana (mãe da Adriana) que o prato faz sucesso, é facilímo de preparar e conquista todo mundo. E tem mais: consegui provar que meu preconceito teve origem na ignorância, pois basta uma rápida pesquisa para descobrir que o stroganoff, surgido no século XIV na Rússia, ganhou o mundo e já no início do século XX recebeu “adaptações”, incorporando ingredientes mais modernos como o creme de leite no lugar da nata (!), molho inglês, ketchup e outros. A carne também sofreu variações, das tiras de carne suína e bovina para o refinamento do filé mignon, chegando às variações atuais, com carne de frango e camarão.

Um viva à Aninha, que pode até não ser uma grande gourmet, mas consegue abrir o coração e a mente para oferecer simplicidade e alegria ao amigos!

Oi Su,

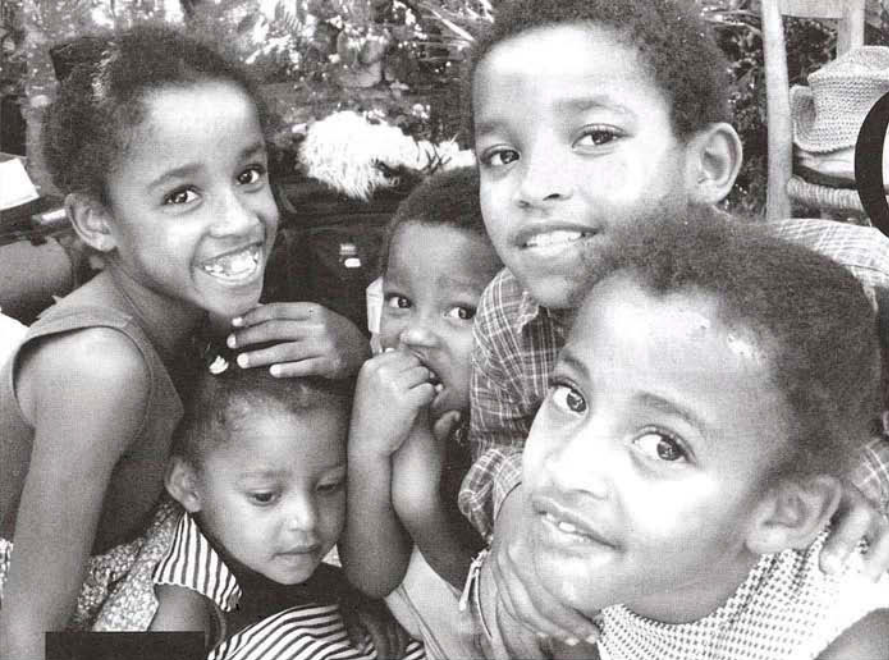
Dei uma olhada aqui nas anotações e achei a “receita do strogonoff”. Tá meio diferente do que eu te falei e eu também reduzi algumas coisas... sei lá... hehehehehe.

Veja aí:

- 1 kg e meio de peito de frango picado em pedaços pequenos.
- Alho
- 2 cebolas
- 1 vidro grande de champignon
- 1 ketchup grande
- Mostarda
- 1 lata de creme de leite

Temperar o frango com sal (mais ou menos duas colheres);
cobrir o fundo da panela com óleo;
acrescentar alho amassado (uma colher bem cheia) e
2 cebolas grandes picadas em quadrados;
dourar o alho e a cebola no óleo;
fritar o peito de frango até ficar no ponto;
colocar o champignon e
deixar secar um pouco a água;
colocar o ketchup inteiro (ou duas latas de molho de tomate);
colocar 6 colheres de sopa de mostarda; e
colocar o creme de leite.

Servir com arroz e batata palha.



O tempo pelas mãos dos Custódios

Documentário conta a história de descendente de escravos em Antônio Carlos

Cláudia Schaun Reis
de Antônio Carlos

Ano de 2005, bairro de Canudos, município catarinense de Antônio Carlos. É fim de tarde e no chão de cimento estão sentadas as onze crianças, à espera do alimento que a mãe já vem trazer. Esfumaçada pela madeira que queima, a cumprir sua função de esquentar a água de dentro da chaleira, suspensa pela trempe enferrujada, Dilva Custódio chega com a gamela cheia de pirão d'água. Ela separa o pirão em

onze porções, na própria gamela, e põe a pouca carne cozida em cima.

- Cada um come seu próprio quinhão. Se acabar, acabou, é tudo o que tem hoje.

As crianças se empapuçam de pirão. Boca, bochechas, nariz e sobrancelhas também saboreiam a comida. Ao lado das crianças uma mulher está sentada no chão, observando uma pequena televisão que transmite as imagens captadas



por um homem com uma câmera nas mãos.

- Marx, fecha a imagem naquela menina da direita. Isso. Ótimo.

Com exceção da câmera e do monitor, além das pessoas que ali estavam para coordenar a encenação, a ceia ocorreu muitas vezes há cerca de 60 anos, nesse mesmo município e no mesmo bairro. As crianças sentadas naquele chão representam seus avós quando crianças, e Dilva, que era uma das meninas daquela época, relembra os gestos e as falas da própria mãe. Norma Custódio, conhecida por todos como Dona Tita, sopra as falas para a irmã, enquanto dirige também a cena:

- Dilva, diz agora: "Não comeram tudo? Isso que dá, ficar comendo porcaria, goiaba por aí, agora não têm fome!"

Depois comenta baixinho, para que sua voz não seja captada pelo áudio das gravações: "Mamãe era muito mais brava, ralhava mesmo".

A reunião de parte da família Custódio naquele domingo de Carnaval teve objetivo muito específico: contribuir com as gravações do vídeo da documentarista Claudia Aguiyrrre, que foi um dos 40 premiados pelo projeto *Revelando os Brasis*, do Ministério da Cultura.

O tema que Claudia explora é a escravidão negra em Antônio Carlos, os preconceitos, o modo de vida e as lembranças que seus descendentes, como Dona Tita, Dona Dilva e Seo Ticula, ou Natalício Custódio, de batismo, têm para contar, pois tiveram a avó Isabelinha trazida da África por um navio negreiro que veio parar no pequeno município catarinense, também povoado por imigrantes alemães.

Um dia antes, Seo Ticula e Dona Tita relembram mais uma vez a infância. Andam no estridente carro de boi, ele guiando os animais e ela em cima da carroceria. De longe, as câmeras avis-

tam os dois, que cantam as músicas de quando eram moleques, em duas vozes, como o coral da igreja ensinou há tantos anos. As engrenagens de madeira do carro gritam agudo, cobrindo por vezes o som da cantoria, da mesma forma que fazia naquele tempo, avisando à família que os que tinham saído ao trabalho na roça estavam voltando pra casa.

- Estou emocionada, quanta saudade daquele tempo que não volta mais, em que eu puxava os bois, em que a nossa família era completa...

À tarde, Dona Tita nos leva a conversar com sua madrinha, Dona Nida, ou Leonídia Maria Venâncio, a primeira professora negra de Antônio Carlos. No quintal de sua casa, a ex-professora de 78 anos, cerca de dez a mais que a afilhada, nos conta, entre rasantes de dezenas de beija-flores que visitam a casa atrás das vasilhas com água e açúcar, que sua família tem também o sangue alemão na árvore genealógica. Uma

das avós, de sobrenome Platen, aparece nas fotos preto e branco que ela nos mostra. Dona Nida lembra ainda que seu convívio com os filhos de alemães era tranquilo.

- Eles eram proibidos de falar alemão. Mas às vezes eu via que um deles tinha embaixo da carteira uma pocinha, e pedia aos mais velhos para falar em alemão mesmo, se eles queriam ir ao banheiro. Lembro também de chegar ao fim da tarde e dizer "Boa Tarde", e eles repetirem, e no dia seguinte eles me viam de manhã e diziam "Boa Tarde", e eu dizia "Não, agora é Bom Dia", e eles se confundiam muito.

O documentário já foi transmitido em canais públicos de televisão, assim como a *TV Cultura*, e ainda participa de mostras em festivais de cinema e vídeo pelo Brasil. Mas a sessão de maior sucesso foi realizada em Antônio Carlos, onde a comunidade se reuniu em peso para se ver na telona.



No olhar dos mais velhos, o passado

Desconheça Recife em seis horas

Por Míriam Santini de Abreu, de Recife

Do meio-dia às 18 horas. É o tempo para conhecer Recife, a aquosa capital de Pernambuco. Mas vou a Olinda, cidade vizinha, no transporte coletivo, linha Rio Doce. Ali estão cristalizados quase 500 anos de povoação por brancos. Confluência, também, dos rios Capibaribe e Beberibe, enlaçados rumo ao oceano. O ar é tomado pelo odor acre de séculos de saneamento capenga. Tento apagar o visto e o ouvido sobre Recife e Olinda vendidos pelo turismo, mas caio na armadilha oposta, na ilusão das terras virgens, das terras sem homens. Na Praia da Boa Viagem, só tenho olhos para o mar. No encontro dos rios, desejo apenas os manguezais. Dos casarios ainda em pé, fasci-nam-me mais as gastas ruínas.

O ônibus pára próximo à subida que leva ao Mirante do Alto da Sé, centro histórico de Olinda. Bastam poucos minutos para um dos guias, Josevan Miguel da Silva, se apresentar e me acompanhar na subida. Ele fala da importância histórica da cidade, dos projetos de restauração, mas fico intoxicada pelo excesso de tudo ali. Na Catedral da Sé, ponto mais alto do lugar, foi sepultado Dom Hélder Câmara, ex-arcebispo de Olinda e Recife. Em 1999, vinte dias antes de morrer, ele recebeu a visita do monge beneditino Marcelo Barros, que pediu a Dom Hélder uma palavra. Com esforço, o arcebispo sussurrou: “Não deixe cair a profecia”. Sempre me impressionam essas últimas palavras e, lembradas ali, naquele lugar pisado por ele e por seus fiéis, elas parecem farfalhar com o vento.

Fotos: Míriam Santini de Abreu

Em volta da igreja artistas expõem na rua ou em ateliês forrados de peças artesanais. Josevan comenta que os turistas estrangeiros costumam levar as esculturas mais caras. “Devem colocar em algum lugar da casa, mas acho que elas não representam lá o que representam aqui.” Ele me leva até Miriam do Nascimento, filha de Lúcia Rosa do Nascimento, a Tia Lu, 81 anos, conhecida como a mais antiga tapioqueira de Recife. Miriam conta que mãe era costureira, mas, para conseguir manter a família, começou a fazer o quitute para vender.

Hoje elas têm duas bancas no Alto da Sé. “A gente aqui é patrimônio!” Houve tempos em que, por causa dos arrastões, comerciantes e visitantes passavam o dia com medo. Quando a noite chegava, não se via mais ninguém por lá, e assim o povo se uniu e reivindicou mais segurança. Aquele canto, diz Miriam, ficou mais calmo.

Descemos a ladeira, Josevan e eu. Ficam apenas impressões vagas, quando o Rio Doce me leva de volta a Recife. Dois dias depois, no aeroporto da capital pernambucana, a mulher que fazia a limpeza do banheiro comenta que desde cedo desejava tomar café, mas não tinha dinheiro. Dou a ela, que pergunta onde moro:

- Em Florianópolis.

- Ah, é outro mundo, né?

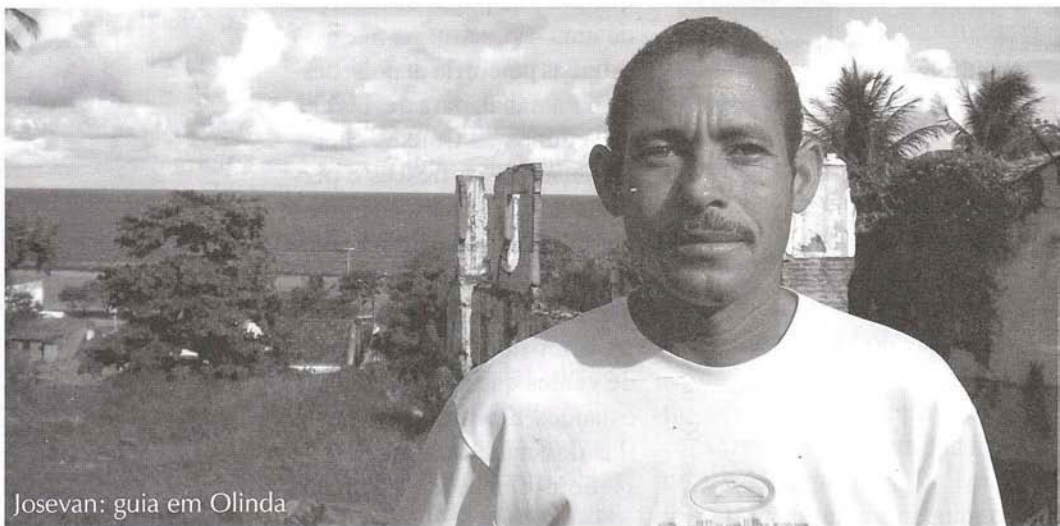
Sete horas mais tarde, os deste mundo me perguntam daquele:

- Conheceste Recife?!

Não. Desconheci.



Veja entrevista com Josevan e Miriam na
conta de *P&N* no You Tube,
<http://br.youtube.com/PobresyNojentas>



Josevan: guia em Olinda

Com Assis, pelos caminhos...

"Você nos ensinou que é preciso amar com amor infundo"

Por Raquel Moysés e Florianópolis

Pequenino, ele curava as próprias feridas com a água salgada e consoladora das lágrimas. A vida era dura e os grandes não tinham quase tempo para se debruçar e cuidar das machucaduras e picadas que afligiam as crianças. A necessidade da sobrevivência era premente em uma família de oito irmãos.

Moleque de calças curtas e pés caminantes, José de Assis Filho habitava as cercanias do que viria a ser um dia o campus universitário da Trindade. Com a carriola de madeira, batia perna ladeira acima e estrada abaixo, recolhendo roupas sujas daqueles que podiam pagar os serviços de uma lavadeira. As mesmas estradas percorria depois, desde o Pantanal, para devolver a seus donos as trouxas cheias de peças alvas, frescas e perfumadas pelas mãos enérgicas de sua mãe, que as havia lavado em água fresca de córrego, quarado sobre a relva e secado ao calor do sol e ao embalo de ventos que se alternam nas estações tão mutáveis nesta ilha de Santa Catarina.

Somados os anos, homem

feito, coração de menino crescido, ele cuidou de almas feridas, alimentado pelo dom da generosidade bondosa e da amorosidade plena de compaixão. José de Assis Filho tem uma história que se faz em intrincado tecer, entrelaçado com o nascimento da Universidade Federal de Santa Catarina. Sua vida se mescla ao mundo da universidade. Mas não uma universidade de tijolos, argamassa, paredes, portas, janelas, prédios, equipamentos, utensílios. A sua vida se mescla a uma universidade sonhada, feita de pessoas pensantes, construída

por uma comunidade de gente. Uma universidade sonhada aquela UFSC que ainda não é, mas aquela que Assis sonhava e outros que carregam e seu sonho querem que seja, acolhendo definitivamente a vida, a criação, a invenção, a aventura infindável do conhecimento para o bem.

O ser único de Assis soube, como poucos, ser duplo, ser vários, ser coletivo. O seu ser único e indivisível se expandia no desejo de ser com o outro, de ver o outro,

de amar o outro, assim como o santo de sua devoção. Aquele Francisco de Assis, a quem o nosso Assis trazia a responsabilidade de levar no nome de sua identidade. Como o Francesco que nasceu na Assisi italiana – cidadezinha de verdes colinas e casario que se colore de róseos e vermelhos tons quando os raios de sol a

golpeiam de suavidades – o José brasileiro soube se desnudar e romper com os que queriam acorrentá-lo às amarras de um poder que corrompe e que se perpetua no mundo universitário sitiado na Trindade. E esse Assis brasileiro soube, ao longo dessa sua história de cinco décadas, fazer escolhas, algumas conscientes, outras intuitivas, mas sempre guiadas pelo espírito de lealdade e generosidade.

Nas horas mais alegres das duras batalhas do povo, das passeatas, das marchas, das manifestações, ao nosso lado, sempre encontramos Assis. Olhos alagados pelo assombro de fazer parte de momentos únicos da luta pela vida e pela justiça. Olhos gotejantes pela alegria de estar caminhando com a juventude quando ela se levanta e brada contra o inaceitável.

Homem que se fez nas duras batalhas

lhas do cotidiano de uma universidade que fragmenta, compartimenta, retalha o conhecimento universal, Assis construiu um saber generoso que compartilhava e difundia com paixão. Quem o conheceu, o ouviu falar repetidas vezes, "Sou puro...", antes de iniciar seu dizer sobre algo que o envolvia, indignava ou comovia... Ser puro, para Assis, significava "ser verdadeiro", mesmo quando errava, falhava, avaliava com imprecisão.

E isso Assis não tinha medo de fazer: oferecer a sua face pública para bater. E é esse saber que criou, acertando e errando, caindo e se levantando, gritando, mas sempre oferecendo ternura, que ele dedicou à universidade brasileira, seus trabalhadores, sua juventude. Trabalhador técnico-administrativo da universidade pública brasileira, ele não exibia títulos a granel, mas foi aplaudido em debates por doutores e futuros PhDs por suas tiradas surpreendentes e suas provocações ousadas. Às vezes exagerava na dose, alguns diziam. Mas mesmo quando se excedia,

levantava a voz e vociferava contra alguma posição, na sua idéia, inaceitável, Assis era sempre movido pelo amor que tinha pela humanidade. A sua indignação, a sua rebelião, a sua revolta eram, no fundo, sempre um grito de amor. E por esses gestos de amor muita vez ele foi punido. Por causa desses gestos, respondeu a processos administrativos e ações na justiça, que tentam tornar crime a justa rebelião dos que lutam pelo bem da universidade, dos estudantes, da comunidade, do povo.

Quando te conheci Assis, um dia que se perdeu nas brumas da memória, jamais poderia intuir quantos trilhares seguiríamos juntos, com mais um tanto de nossos companheiros e companheiras. Sem nem perceber como, você foi entrando na minha vida nesta universidade que amo, e desprezo ao mesmo tempo, por seus males exercidos em nome da hipocrisia e da ganância usurpadora. Só hoje, quando ainda me comovo, recordando-me de como enfrentou com bravura a tua dura batalha pela vida, é que percebo com toda transparência o quanto



Fotos: Ricardo Casarini

me ensinaste com teu riso claro, tua mão levantada, teu braço forte e caloroso a sustentar nas horas mais difíceis do sofrimento, da decepção, da solidão, das doenças, das perdas irreparáveis, das despedidas derradeiras.

Aprendi, com tua humilde e sincera alegria, o desprendimento de celebrar a vida do outro, de festejar a chegada de um projeto novo ou o parto de uma idéia nascente. Tuas mãos laboriosas, ao lado das de tua companheira Tânia, prepararam para os nossos momentos de celebração alimentos que traziam o sabor da amizade, do companheirismo, da beleza sofrida de compartilhar uma mesa plena tendo a consciência de que muitos padecem de fome, frio e solidão.

Essas mesmas mãos alisaram, orientaram, endereça-

ram, no Departamento de Administração Escolar, o DAE, em milhares de processos, a vida universitária de meninos e meninas de todas as procedências, os estudantes que você amava com desvelo de pai e cuidado de irmão. Pelas suas mãos, na casa branca de janelas azuis da esquina da igreja, circularam montanhas de processos acadêmicos. Mas você nunca trabalhou com eles manuseando documentos que falam de meros aproveitamentos, notas e condições para colar grau. Você lidou com esses papéis como espelhos da vida de seres humanos únicos e indivisíveis, com suas necessidades, dores, crueldades e doçuras.

Ao longo desses anos inteiros, centenas de jovens te pediram ajuda e tiveram de ti uma palavra de conforto, um gesto de compreensão, uma indicação de rumo, uma palavra de orientação. Foram muitas as horas solitárias, noite adentro, para dar conta de cumprir o trabalho com

prazo e hora. A dedicação ao trabalho no Sindicato dos Trabalhadores da UFSC, o Sintufsc, anos a fio, roubou mais horas de tua presença perto de teus queridos mais íntimos. Quanto mais se alargava tua família humana, mais a tua família de sangue teve que suportar tuas ausências e entender tuas escolhas. Somaram-se horas, dias, meses, anos de dedicação em assembleias, plenárias, caravanas, greves, marchas, debates. Estradas afora tua voz se levantou em defesa da educação, da universidade pública, dos hospitais universitários, dos serviços públicos, da vida decente para todo o gênero humano.

As estradinhas e caminhos do campus conhecem teus passos incansáveis e agora se ressentem de tua ausência. Gente de todo o país sente a tua falta na hora do debate nas plenárias de trabalhadores públicos. Falta o teu

corpo dançarino movendo-se no calor do entusiasmo, microfone na mão. Falta a tua voz elevada na hora de mostrar a gravidade dos fatos e de fazer a denúncia do desmando e da injustiça. Falta a tua mão levantada, a tua advertência amorosa. Falta o teu riso de menino para nos despertar a esperança esmaecida.

Assis, o homem de luta lutou até o último dia. E essa luta pela vida individual não significou uma renúncia a nada do que amava e pelo que se bateu uma vida inteira. Teu silêncio, nos dias de provação, ainda era um grito, um clamor. Do teu cantinho, no alto da Servidão Corinthians, e nos longos dias no hospital, você resistiu e nos ensinou que é preciso seguir, que é preciso enfrentar, que é preciso amar com amor infindo. Você nos ensinou que a vida é sempre. E que nós só existimos no movimento da vida que se levanta e se revela na resistência e na luta humana ao longo dos tempos.



A sabedoria mais profunda que o homem pode alcançar é saber que seu destino é ajudar, é servir...
A aspiração é obter; a perfeição é distribuir.”
(Abraham Joshua Heschel)

Assis vive

Esse texto que você acabou de ler, agora alterado no tempo verbal para o passado, Assis foi o primeiro a conhecer. Queria que antes de publicá-lo, ele soubesse o que escrevera sobre sua vida, levada pelas minhas mais ternas recordações afetivas... Era um final de tarde de sábado e, no alto da Servidão Corinthians, vivemos, pequena família humana, um momento raro de eternizada comunhão... Tânia, Jussara, Adriano, mãe Chica (sua madrinha amada...)

Assis não fez reparos às minhas palavras... Ouviu

tudo com uma expressão de contida e dolorida alegria. Ali estava um pouco das nossas vivências em comum e breves lampejos de pequenas histórias que ele ia largando aqui e ali, ao longo dos anos, num jeito de contar-se como um menino de pouca idade que vai crescendo e se revelando...

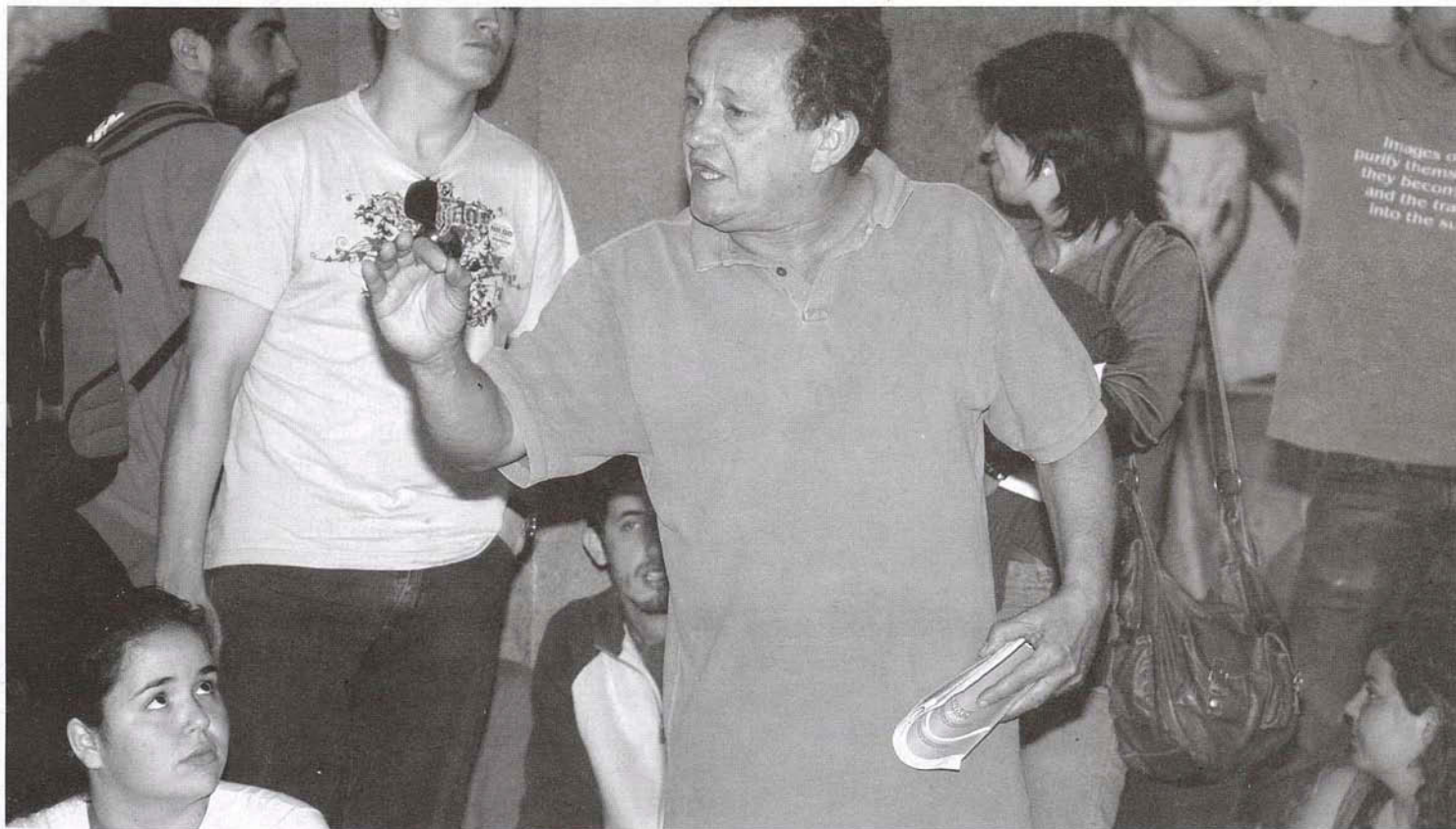
Sempre tivera o desejo de entrevistar Assis para traçar em palavras seu perfil humano. Mas depois me detinha pelo embaraço de ele ser da diretoria do sindicato, de talvez parecer, para alguns, personalismo. Assis também sempre quisera me mostrar seu lugar de trabalho

no DAE, mas faltava tempo, a hora não vinha nunca... Até que um dia, caminhando juntos pelo campus, cada um em direção ao seu canto de labuta, acabei entrando com ele pelas salas de seu mundo de trabalho na universidade.

Ao meu lado, ele foi entrando pelos espaços como uma correnteza que lava tudo e leva embora as mágoas... Espargia, a seu modo, ternura. Tinha para cada um que encontrava uma palavra de reconhecimento, enquanto me mostrava, nas prateleiras organizadas, as centenas e centenas de pastas de papel que contêm a vida de milhares de estudantes da UFSC.

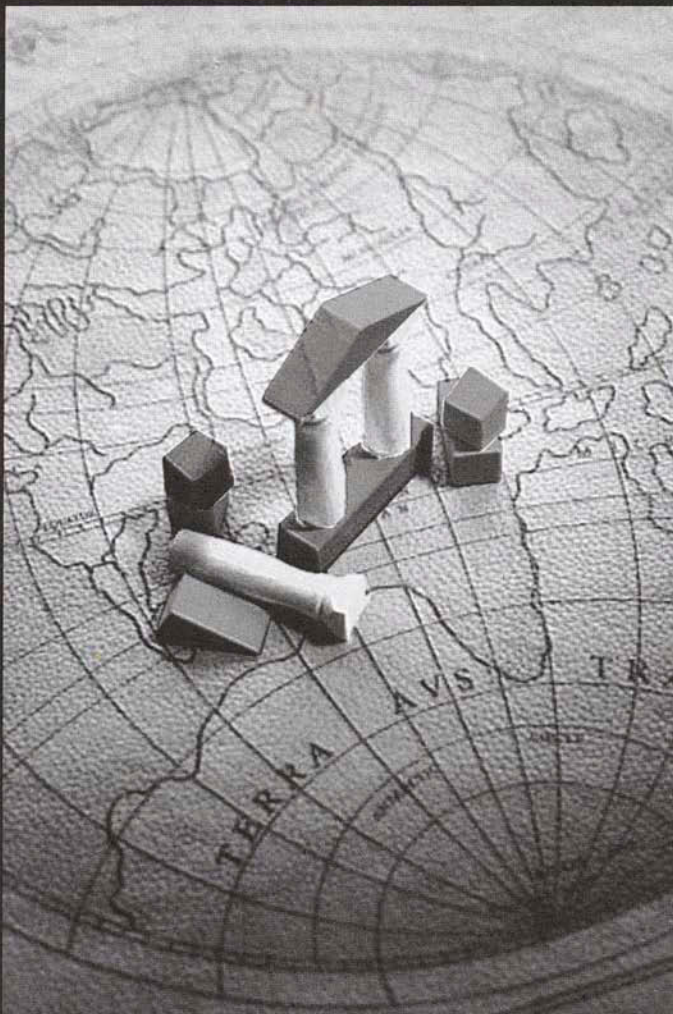
Olhos luzentes, gestos largos, passos decididos, me conduzia como um bom anfitrião pelos espaços de sua casa. Estava à vontade, convencido do sentido de sua lida diária, e não tinha pejo de revelar seus sentimentos... Tudo se deu em um breve intervalo de tempo, mas durante aquela caminhada matinal pude ver um mundo que desconhecia desse Assis que é amado por tantos de nós.

Agora, ele "luarizou-se", mas na memória dos que tiveram "da luz que seu olhar continha", Assis permanece inteiro, pleno, vivo. Um lume para os tempos duros que seguem.



Uma princesa perdida no mundo adulto

Por Sandra Werle,
de Florianópolis



Criança, eu sentava no assoalho de madeira da área dos fundos, na casa dos meus pais. No chão, montava um castelo com pequenas peças de madeira, pintadas com cores fortes, vermelho, verde, amarelo. Havia duas peças amarelas torneadas, que formavam sempre as colunas da pomposa entrada da frente.

Era pelos salões de madeira colorida que eu guiava o príncipe e a princesa de carretel. Dois carretéis compridos e magrelos, sobras das costuras da minha mãe, que recebiam minúsculos trapos fazendo as vezes de saia para a princesa e capa para o príncipe.

No entanto, além dos detalhes coloridos da brincadeira infantil, a lembrança mais forte é a sensação que por vezes me tomava: um desejo intenso de resumir a vida àquilo. Ser a princesa de carretel, ter meu mundo limitado ao cenário do castelo colorido acrescido, no máximo, do perímetro de uma ou duas tábuas do assoalho, onde o príncipe e sua acompanhante circulavam em seu carro de caixa de fósforos.

Ou talvez a sensação reconfortante tivesse origem naquele poder de guiar, com mãos gigantes e minha vontade, os destinos dos pequenos personagens envolvidos. Decidir que aquele príncipe era daquela princesa, que aquela capa era a mais rica e ornamentada, que o castelo pudesse, a qualquer momento, receber uma ala vermelha a mais, que o carro, com mais uma caixinha, pudesse se transformar num trem...

Ainda hoje consigo mergulhar nessa lembrança e sentir a mesma sensação, por alguns segundos. Nos anos que se passaram deste então, eu corri atrás de um pequeno castelo – do qual ainda pago as prestações –, encontrei príncipes bem menos encantadores que aquele carretel, não realizei uma romântica viagem de trem... Menos ainda consegui me sentir segura e confortável no mundo, que teima em se mostrar bem maior do que as duas tábuas lustrosas e seguras da casa da minha infância.

Hoje, costumo me sentir uma princesa de carretel insegura e perdida num grande mundo adulto.



Foto: Cristiane Salvi

Albina

Há laços que formamos durante nossa caminhada que não se rompem

Por Cristiane Salvi, de Vargão



Domingo de Páscoa, 31 de março de 2002. É neste dia que mais uma mulher, como tantas do pequeno município de Vargão, com 3.500 habitantes, no Oeste catarinense, expõe sua biografia. É uma tarde de céu cinza e alguns raios de sol chamam a atenção e clareiam o dia.

Hora de “investigar” uma pessoa muito querida por todos na cidade.

Com um metro e meio de altura - talvez pelo peso da idade - ela está sentada em um banco de madeira. Seus cabelos brancos são bem penteados. Os olhos azuis brilham como diamantes, mas estão um pouco encobertos pelas rugas, cada uma mos-

trando as marcas que o tempo fez. O sorriso é constante na sua boca de poucos dentes, mas fica maravilhoso naquela dama doce e amável.

A história de Albina Danielli Berté iniciou há 89 anos na cidade de Encantado, no Rio Grande do Sul. Nascida em uma família de quatorze filhos, a “nona” Albina é um exemplo típico de muitos imigrantes, principalmente descendentes de italianos, que ajudaram a construir o Estado de Santa Catarina. Uma vida marcada pelo trabalho e pela vontade de progredir.

Depois de um ano e meio de namoro com Francisco Berté, o vizinho, Albina casou aos 22 anos. Logo estava grávida. Com medo de ser chamado para servir no exército, Francisco resolveu pegar a mulher e ir para um lugar menor, mais escondi-



do. A viagem entre Encantado e Vargeão, que hoje não leva mais de duas horas, durou três dias.

O primeiro dos doze filhos do casal chegou logo após a acomodação na nova comunidade. Os meninos Oreste, Fortunato, Oscar, Pedro e Biasi formavam um batalhão de soldados que lutavam com o pai pela vida da família, ajudando na roça. As meninas Nair, Assunta, Margarida, Verônica e Josefina auxiliavam a mãe nos afazeres domésticos. Mas essa mãe perdeu uma das seis filhas, Dominga, com oito meses de idade. E o último filho foi um anjinho que nasceu morto e recebeu o nome de João.

Há quinze anos viúva, ela mora sozinha. Faz comida, limpa a casa, cuida do jardim. Tem 48 netos, 52 bisnetos e uma tataraneta. Para descontraí-la e matar a saudade dos bailes de antigamente, ela vai toda quinta-feira ao Grupo de Idosos Bela Companhia, que funciona no município.

Essa é a vida de Albina Danielli Berté. Uma avozinha daquelas para quem você olha e já quer pedir colo. Ela é doce, toca em você quando fala, com as mãos e principalmente com as palavras. Na hora de ir embora, um abraço bem apertado, daqueles que passam energia positiva. Saio com uma certeza: todos precisam de

amor na vida e para a vida além dos laços de família que nos unem sem que escolhamos quem possam envolver. Laços que vamos amarrando durante nossa caminhada. Alguns enfraquecem, vários se rompem. Mas há outros que se tornam nós e não se soltam. Suportam qualquer prova, até a do tempo. Esse laço que nasceu entre a nona Albina e eu, com certeza, não se rompe mais.

Hoje essa "senhora moça" não está mais entre nós. Mas, com certeza, ela ainda vive na memória de muitas pessoas de Vargeão. Essa cidade que cresceu junto com os descendentes da nona Albina.

Revista Virtual

DESACATO

América Latina – Soberania e Paz

WWW.DESACATO.INFO

DESACATO.BRASIL@GMAIL.COM



Lolita Lebrón, mulher comandante!

Por Raul Fitipaldi, de Florianópolis

O poeta de Porto Rico, José Manuel Torres Santiago, lembrou em 2005 a surpresa expressada pelo *New York Times* nas suas manchetes de 2 de março de 1954. O Império assistia perplexo o tiroteio acontecido no Congresso norte-americano, quando cinco congressistas foram atingidos pelas balas de três nacionalistas porto-riquenhos. A mando da balaceira uma mulher, a Princesinha Valente Lolita Lebrón, uma comandante suicida. Porém, suicida nem tanto, Lolita voltou à cena em 8 de março de 2008, no Dia Internacional da Mulher. O motivo, o de sempre, a Independência da sua pátria, a ilha seqüestrada pelo imperialismo norte-americano, dengosa e caribenha, a virtuosa Puerto Rico, irmã presa de Cuba e República Dominicana.

Quando se levantou minha bandeira
A tua faria igual,
E foi essa vez a primeira
Que juntos quisemos voar.

Nascida em 1920, aos 34 anos Lolita era operária numa fábrica de Nova Iorque. O salário, pequeno, mas os sonhos da jovem poetisa e costureira, enormes. Segundo lembra J.M. Torres Santiago, a manchete do *Times* narra-va que os três companheiros da comandante Lolita eram mais novos do que ela e um deles tinha fugido. Segundo o jornal, só tinham comprado uma passagem de ida para “visitar” o Congresso em Washington, porque nem Lolita nem os companheiros pensavam sair vivos da empresa e retornar a Nova Iorque.

Condições que não têm a ver
Com disparar um tiro,
Nos abriram caminho
Enquanto a ti te detém.
Essa tarefa inconclusa
Temos que terminar,
Pois querem ver o final
Todos os mortos de ambos.

Lolita Lebrón foi camponesa. Ralou duro em Nova Iorque como qualquer imigrante latino de antes e hoje, e tinha na grife do olhar



AMÉRICA LATINA

a marca indelével do destino independentista. Mulher boriqú (assim são chamados os porto-riquenhos), ingressa na lista das ilustres lutadoras que ganharam a revolução feminina do século XX em favor da liberdade dos oprimidos. E com diferente sorte das cubanas, nicaragüenses, venezuelanas, equatorianas, abraçou esse estandarte da liberdade que ainda levanta. Lolita pertence à geração maravilhosa de mulheres que, ao sul da nossa América, reivindicaram a memória dos seus filhos com um lenço na cabeça; as “velhas loucas” não são um patrimônio exclusivo, embora majoritário da Argentina. Ah, doce utopia de Lolita, cada vez mais próxima de constituir-se. Porto Rico será livre. A Ilha-mulher será livre, parida da luta de operária livre em pensamento, curtida de poesia e horizontes, de águas quentes e frias neves, fêmea latina, sempre, comandando a rebeldia.

“ Cuba e Porto Rico são
De um pássaro as duas asas.
Porto Rico, asa que caiu no mar,
Que não pode voar,
Eu te convido ao meu vôo
E procurarmos juntos o mesmo céu.

Outra mulher caribenha, de nome Cuba, tinha assaltado o quartel Moncada menos de um ano antes. Os ares libertários que derrotariam Fulgêncio Batista antes dos sessenta na ilha-mãe também sofreriam as escuras nuvens do golpe da Central de Inteligência Americana – CIA contra o democrata Jacobo Arbenz na Guatemala. Sofreriam anos depois o assassinato de Salvador Allende no Chile e poucos depois festejariam a vitória do sandinismo contra Anastásio Somoza, o ditador nicaragüense. Um quarto de século de lutas que hoje se convertem em realidade, com mais 25 anos de caminhada. E nessa andada Lolita Lebrón nunca faltou à cita da liberdade. Agora sem atirar um tiro. Com faixas, com palavras, com os novos caminhos que nos conduzem a concluir o processo de Independência da Pátria Grande. Lolita abriu caminhos na Ilha seqüestrada de Puerto Rico, condições que já não se fecharão.

”
Condições que não têm a ver
Com tirar um tiro,
Nos abriram o caminho
Enquanto a ti te detêm.

A “princesinha valente” (como era chamada pelos seus conterrâneos à época das suas primeiras ações públicas) oriunda de Lares, onde nasceu como Dolores Lebrón Sotomayor, foi condecorada pelo Comandante Fidel Castro em 1979. Lolita falou: “os grandes nos apóiam”. Em 2003 viu concretizar-se um fruto da sua luta. Os marines norte-americanos deixaram a região de Vieques, pertencente a Puerto Rico e que era base de operações dos ianques. Vários prisões custaram a Lolita esta saída dos imperialistas. Isso nunca foi um problema, nem sequer um desafio para esta mulher matriz, útero do Partido Independentista boriqú. Por isso se manifestou em 8 de março de 2008 portando uma faixa com os dizeres “Mulher, organiza-te e luta” e exigiu ao governador pró-ianque da ilha que se pronunciasse sobre o status político de Porto Rico, que diga se quer que a ilha siga sendo “uma colônia” ou se “não crê nem na independência nem na soberania” do país. Se esse governador e os patrões ianques insistem em manter Porto Rico como colônia, Lolita Lebrón saberá receber este convite de Pablo Milanés:

”
Seguindo o mesmo caminho
Voltamo-nos a encontrar,
Para juntos reclamar
Que se mude teu destino.
E se por acaso te negassem
O que por força é teu,
Eu te convido a voar esta vez
Com o facão nas duas asas.

* Os versos que acompanham este artigo pertencem ao “Son de Cuba a Puerto Rico”, canção do cantautor cubano Pablo Milanés



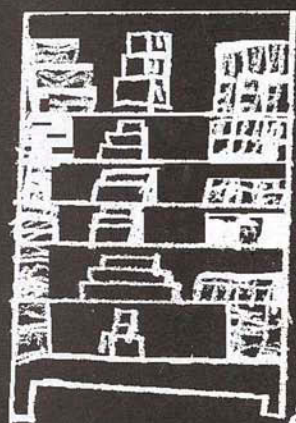


Ilustração:
Camila Bion de Assis

A mulher que amava concursos

Por Helton
Ricardo
Ouriques,
de
Florianópolis

Uma vez conheci uma mulher, Verônica, que me impressionou muito. E não foi pela beleza e pela simpatia, características que realmente possuía. Mas pelo fato de ter uma mania até então desconhecida por mim. O negócio era o seguinte...

Verônica amava prestar concursos e fazer todos os tipos de curso que os leitores puderem imaginar. Na verdade, isso chegou a se tornar sua ocupação principal por um bom tempo. Caso fosse entrevistada pelo pessoal do Ministério

do Trabalho, teriam que criar uma nova ocupação nas estatísticas oficiais.

Quanto aos concursos, sempre que abria um edital qualquer, fosse onde fosse, mesmo para escriturário em uma cidade do interior de Minas Gerais, ela prontamente se candidatava e, o que é pior, estudava com afinco até a data do evento. Colecionava os resultados das provas e a pontuação obtida. Ficava frustrada pelos erros cometidos nas provas, decepcionada quando sua pontuação em um dado concurso era inferior

ao anteriormente feito, e feliz quando melhorava sua posição no cômputo geral. Quando, por exemplo, conseguiu a posição 257 em um concurso para um banco estatal, que chamou os 10 primeiros colocados, ficou tão entusiasmada que não fez o concurso que iria ocorrer no final de semana seguinte, fato inusitado em sua carreira...

Verônica tinha todo um ritual para a inscrição nos concursos: acompanhava regularmente as páginas de editais dos jornais, estudava os históricos de concursos

anteriores para a mesma ocupação, e, quando tinha recursos, fazia um desses cursinhos preparatórios para concurso. E o dia das provas era uma ocasião à parte. A começar pela escolha dos sapatos, cuja coleção enchia um guarda-roupa inteiro. Mas não só isso. Ela testava minuciosamente uma dúzia de canetas e quatro lapiseiras, que não podiam falhar na hora da prova. A escolha do lanchinho era outro ritual: nunca faltavam água, bolachas e maçã. Com o tempo, passou a levar balas, chocolates e barras de cereais também. Era sempre a primeira a chegar e uma das últimas a sair. Ela verdadeiramente adorava aquelas três ou quatro horas que passava, nas manhãs ou tardes de domingo, a fazer as provas de matemática, português, conhecimentos administrativos e contábeis, legislação e afins... Já tinha lido todas as leis, regulamentos e decretos inúteis da administração pública, mas igualmente esquecido todos esses notáveis conhecimentos.

Com o tempo, o resultado obtido quase nada passou a significar para ela. O que a motivava era o evento em si mesmo. Chegava em casa e dizia feliz para o marido: “ – Querido, acabei de me inscrever para o concurso para motorista da Assembléia Legislativa!”, embora tivesse uma dificuldade enorme em estacionar o carro! Não gostava de sol, mas não resistiu quando os Correios abriram concurso para carteiro. Enfim, Verônica amava concursos. Foi classificada em

muitos, mas nunca era chamada, pois não conseguia os primeiros lugares.

É verdade que, bem antes da compulsão pelos concursos, ela já tinha feito curso superior e estudado a língua francesa por quatro anos. Mas isso não foi nada, diante do que passou a acontecer. Com o hábito de fazer cursinhos preparatórios, ela começou a se dedicar a outras habilidades. Sempre foi uma péssima cozinheira, mas foi a primeira matriculada em um curso de culinária decorativa. Sabia apenas pregar um botão na camisa, mas dedicou-se ao corte e costura por três meses, quando resolveu fazer fotografia. O professor de fotografia elogiava muito sua beleza, simpatia e postura. Então ela foi fazer um curso de modelo, mas não era anoréxica e nem tinha 15 anos. Mesmo assim, ficou dois meses aprendendo a desfilar.

Tinha por hábito, quando ia a restaurantes e cafés, olhar cartazes e murais, pois sempre encontrava anúncios de cursos para serem feitos. Foi assim que começou a fazer yoga, única atividade física que pratica regularmente até hoje. Fez de tudo: tarô, massagem terapêutica, crochê, entalhe em madeira, pintura em toalhas de louça. Fez o já tradicional curso de inglês, mas no fundo, adorava o inusitado. Por isso, o marido não ficou surpreso quando ela dedicou-se de corpo e alma à corretagem de imóveis, embora não tivesse a mínima intenção de colocar em prática esses novos e relevantes

conhecimentos. Ah... Verônica também fez um curso de pães e bolos, o que deixou o marido feliz por um certo tempo, pois sempre tinha uma novidade no café da manhã. Porém, quando ela começou um curso de encadernação de livros, as formas e travessas ficaram abandonadas, juntamente com as telas, tintas e pincéis do cursinho de pintura a óleo que ela tinha feito há uns dois verões.

A vida dela mudou quando, incrivelmente, recebeu em casa uma correspondência, emitida por um órgão público, chamando-a para um cargo para o qual ela tinha feito um concurso há dois anos. Ficou pasma, de início: “- E agora, o que vai ser da minha vida, meu Deus? Fui chamada, fui chamada...”. O marido não entendeu, pois parecia que tinha acontecido uma tragédia. Mas ela racionalizou, acalmou-se e assumiu o cargo. Na primeira semana, estava radiante, pois tinha descoberto que a empresa pública em questão oferecia, incentivava e mesmo exigia que seus funcionários fizessem um mínimo de cursos por ano. Como boa compulsiva, ela fez vinte cursinhos no primeiro ano, embora a empresa exigisse apenas cinco. Ela finalmente estava ganhando para fazer aquilo que mais amava na vida.

Soube que ela, no momento, está cursando a terceira faculdade, fazendo um curso de mandarim aos sábados e acabou de se inscrever em um concurso para a polícia federal. Enfim, está feliz.

Transparente demais

Por Míriam Santini de Abreu, de Florianópolis

editorial
LETRA

Existem coisas sobre as quais se deseja falar, umas belas, outras dolorosas, mas não há vivente disposto a ouvir. Ou então sobra, na gente, um pudor maior do que o desejo de dizer, e tanto não-dito vai deixando a alma pisada. Mas eis que encontro, no meu não-dizer, esse dizer *Transparente Demais* de Rosângela Bion de Assis, que será lançado pela *Letra Editorial* no dia 5 de maio, às 19 horas, no Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis.

Estão ditos, nos poemas, os pensamentos do nadar na rua, do provar flor, do aticar onda, do vasculhar grama. Tudo aquilo que é do não-fazer, mas que provoca, no corpo, a sensação do ter feito.

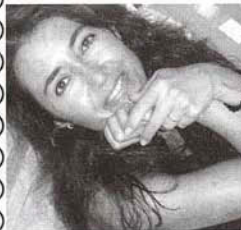
É uma mulher que não se afasta nem do sol nem da noite, essa Rosângela. E assim, na sua poesia, vamos encontrá-la sábia do muito novo e do muito velho, cheia de prenhez, natalina, sob a chuva, sem calçado, a experimentar solidão, pão fresco, escondida, transbordante. Encontro, nos medos dela, os meus medos, e assim ficam medos menores, e assim me sei miserável, me sei gloriosa. Porque, ao ler essas palavras transparentes demais, a gente se sabe apenas humano, como os loucos tristes do poema “Todos os loucos”, “que não conseguem deixar de ver/o que os outros loucos escondem diariamente”.

Alguns poemas já haviam sido publicados na revista *Pobres&Nojentas* – da qual Rosângela – jornalista no Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal de SC – é diagramadora. Um deles, “Sem âncora”, parece cristalizar aqueles secretos desejos que perturbam as horas altas da madrugada, “que nos fazem querer sair do trilho/Nem que seja por instantes/no meio de uma tempestade”. E também flagramos, na poesia dessa florianopolitana de sorriso suave e olhar cheio de acalento,

a crítica, a denúncia, o choro. Mas também a capacidade de acolher com júbilo as pequenas e grandes delícias de ser no mundo. Esse *Transparente Demais* palavreia o não-dito e desassossega serenamente os que – por enquanto – ainda não ousam falar.

Rosângela Bion de Assis nasceu em Florianópolis, em 12 de março de 1968. Formada em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo pela UFSC. Trabalha desde 1988 como Assessora de Imprensa de entidades sindicais e associativas. Em maio de 2006 elaborou o projeto gráfico de *Pobres&Nojentas* e desde

então é uma das responsáveis pela editoração da revista. Atualmente é Assessora de Imprensa do Sindprevs/SC (Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina).



Umas e outras

Por Celso Vicenzi,
de Florianópolis

MUDOU, MAS É IGUAL. “Ficar” é isso que antigamente fazia o namoro “andar”.

NOVIDADE. A Igreja Católica divulgou uma lista de novos pecados. Isto quer dizer o seguinte: se você já estava cansado de sempre pecar pelos mesmos motivos, taí uma nova oportunidade!

CUIDADO! No Iraque, se o jornalista não tomar cuidado, em vez de dar, leva furo!

NEM SEMPRE É O QUE PARECE. Chato é quando aquela

super-garota do setor de informática convida-o para fazer um “programa” e você descobre, mais tarde, que era apenas para produzir um “sistema de linguagem para o computador”.

MENOS POSE, COLEGAS. “Pousar” para uma foto – como sempre leio nos jornais – só se for o comandante do avião!

LIBERDADE. Para os ecologistas, mais vale dois pássaros voando do que um na mão.

TODOS CONTRA UMA. Ditadura, totalitarismo, despotismo, fascismo, nazismo, autocracia, tirania. É muita opção para uma

só e frágil democracia.

É SEMPRE ASSIM. Todo país é governado por um regime. Mas só quem passa fome é o povo.

TUDO É POLÍTICA. Amor também se elege e sentimento também se governa.

SOBRARAM POUÇOS. Já são tão poucos homens honrados que se tornou cada vez mais difícil atingir a honra de alguém.

Celso Vicenzi, jornalista, 49 anos, já foi presidente do Sindicato dos Jornalistas/SC, Prêmio Esso de Jornalismo e atualmente assessora um sindicato e uma cooperativa de crédito.

P&N compartilha experiência

O Sindprevs/SC promoveu o “2º Seminário de Imprensa Sindical - Jornalismo sindical e popular: mostrando novos caminhos e democratizando a comunicação”, realizado no dia 18 de abril no Plenarinho da Assembléia Legislativa de Santa Catarina. O seminário

reuniu jornalistas, assessores de comunicação, diretores sindicais e estudantes, num espaço de discussão e troca de idéias. A *Pobres&Nojentas* esteve lá, representada pela editora Elaine Tavares, no colóquio sobre novas experiências em Comunicação.



Assine *Pobres & Nojentas*

5 edições (bimestral): R\$ 23,00
(estão inclusas as despesas com o Correio)

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7
- Envie e-mail para eteia@gmx.net informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)

Apoio Cultural

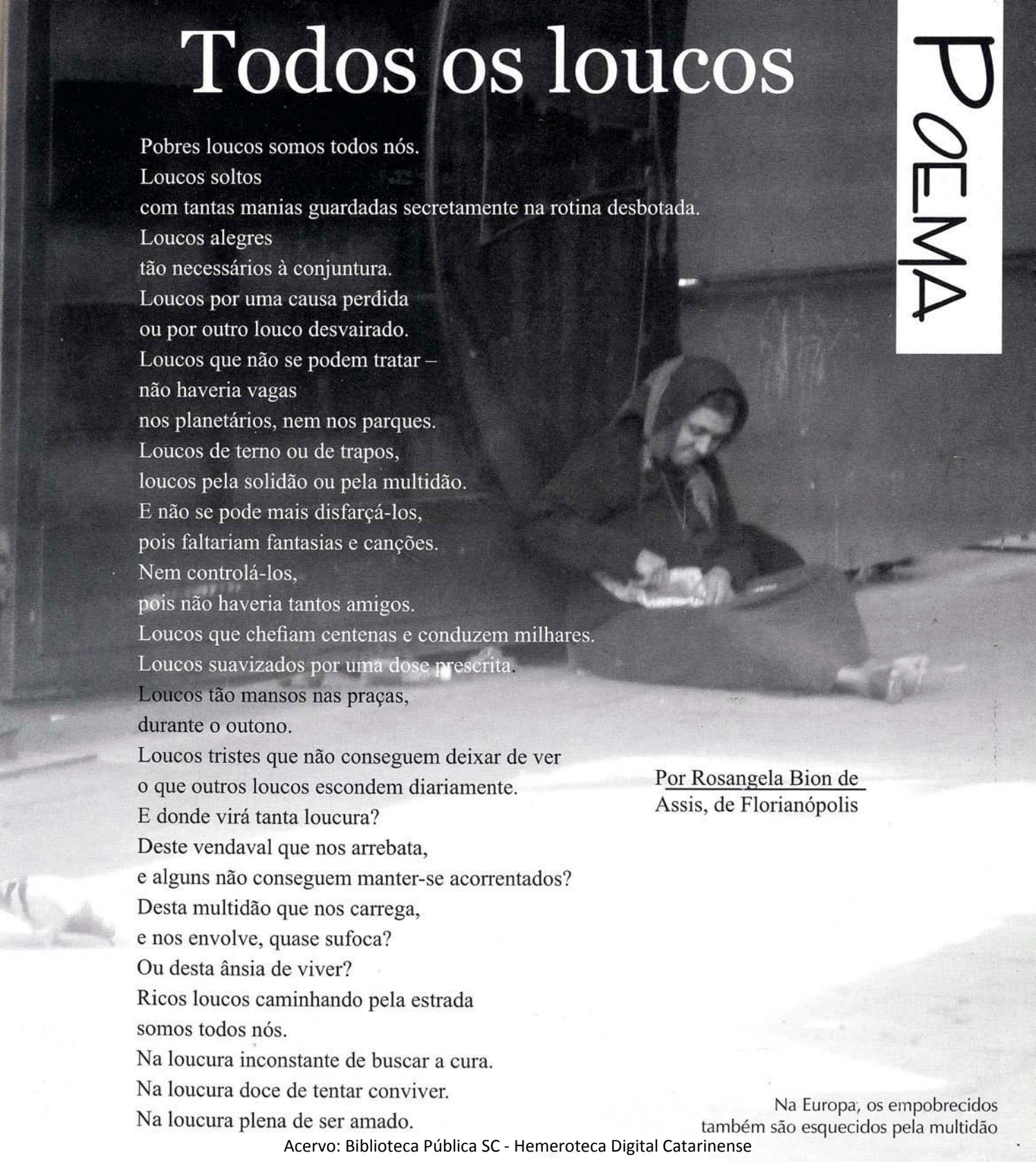
SINDPREVS/SC - Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina.

www.sindprevs-sc.org.br



Todos os loucos

POEMA



Pobres loucos somos todos nós.
Loucos soltos
com tantas manias guardadas secretamente na rotina desbotada.
Loucos alegres
tão necessários à conjuntura.
Loucos por uma causa perdida
ou por outro louco desvairado.
Loucos que não se podem tratar –
não haveria vagas
nos planetários, nem nos parques.
Loucos de terno ou de trapos,
loucos pela solidão ou pela multidão.
E não se pode mais disfarçá-los,
pois faltariam fantasias e canções.
Nem controlá-los,
pois não haveria tantos amigos.
Loucos que chefiam centenas e conduzem milhares.
Loucos suavizados por uma dose prescrita.
Loucos tão mansos nas praças,
durante o outono.
Loucos tristes que não conseguem deixar de ver
o que outros loucos escondem diariamente.
E donde virá tanta loucura?
Deste vendaval que nos arreбата,
e alguns não conseguem manter-se acorrentados?
Desta multidão que nos carrega,
e nos envolve, quase sufoca?
Ou desta ânsia de viver?
Ricos loucos caminhando pela estrada
somos todos nós.
Na loucura inconstante de buscar a cura.
Na loucura doce de tentar conviver.
Na loucura plena de ser amado.

Por Rosangela Bion de
Assis, de Florianópolis

Na Europa, os empobrecidos
também são esquecidos pela multidão

Índio

Sobre os seixos dos rios
Correm águas sagradas.
Segredos de adubo
Ressurgem no terrário
Passado de areia
Profecia de floresta
Irreversível deserto.

O índio brasileiro
Tange o tacape no tronco
Toco-oco no solo.

Teclem sobre telas

Salvem a seiva dos eucaliptos
Libertem o lápis
Lapsos de verde na mata.
Ouçam a voz do Xamã
Nas flores que o vento traz.
As últimas folhas de papel se soltam do céu.

O índio canta no rio
E a terra se abre,
O vento sagra-lhe o cocar
E o sol acende sua coroa
O grito de luta, ecoa...

Alex Júnior Ramos Pires

Alto Taquari, MT – Página Mundo Jovem

